

APLICAÇÃO DOS MODELOS COMPACTOS ARQUITETÔNICOS MINIMALISTAS JAPONESES NAS MORADIAS DE BAIXA RENDA DO BRASIL

NASCIMENTO, Letícia¹

Graduando em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade Galileu

SANCHES, Luiz Vitor Crepaldi²

Professor orientador de Arquitetura e urbanismo – Faculdade Galileu

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relacionar a problemática das habitações de baixa renda do Brasil com as residências mínimas do Japão, abordando, de forma geral, os principais pontos entre os dois tipos de moradia por meio de comparativos e integrando-os de forma funcional à situação brasileira. Nesse sentido, busca-se a criação de um modelo original, prático e aplicável dentro das condições brasileiras, baseado na vasta experiência japonesa para lidar com a problemática de falta de habitação para a população local.

Palavras-chave: arquitetura mínima, moradias mínimas, arquitetura japonesa, casas populares, habitação social.

ABSTRACT

This work have as an objective to relate the problems of the low income households in Brazil with the minimalistic japanese houses, approaching in a general manner, the main points between the two types of housing, in a way of comparing it and integrating it in a functional manner to the brazillian situation. In this way, it's researched for a creation of a primary original model that it's practical and aplicable within the brazillian economical conditions, based on the wide japanese experience on dealing with the problems of lacking household for it's local population.

Keywords: *minimal architecture, minimal houseoulds, japanese architecture, popular homes, social housing.*

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Arquitetura e urbanismo – Faculdade Galileu – Botucatu/SP – leticianascimentohern@gmail.com

² Professor doutor Luiz Vitor Crepaldi Sanches – luizvitorsanches@hotmail.com

“A habitação mínima era o sonho de proporcionar moradia de qualidade dimensionada para o homem moderno, atendendo suas necessidades vitais, inclusive o conforto ambiental. Tudo a um menor custo possível [...]” (CASELLI, 2007).

Essa ideia mínima ganhou força no ocidente na década de 60 e deu início a no movimento artístico e cultural conhecido como minimalismo ou arte mínima. Esse movimento teve tanta força que perdura desde seu surgimento em vigor, tendo suas características modificadas de acordo com as necessidades da época. Sendo que, o minimalismo atualmente costuma explorar formas simples com ausência de ornamentações. (COLARES, 2016).

Esse movimento foi adotado pelo Brasil de forma a suprir a deficiência de moradias no país, que, desde o período da industrialização, sofre intensamente com o problema de moradias, gerando diversas situações de moradias irregulares (COSTA, 2018). Contudo, apesar dos movimentos desenfreados e buscas por melhorias nas questões de políticas urbanas, a falta de estratégia do país e os interesses privados são um desafio para aqueles que buscam por habitação digna.

No Japão, entretanto, a criação de espaços mínimos já era praticada desde a antiguidade, para fins religiosos e geográficos, sendo profundamente aprimorados por conta da liberdade arquitetônica e pela cultura desapegada e progressista presente no país asiático.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado com base em material eletrônico, livros, artigos científicos, revistas e trabalhos acadêmicos, selecionados por temas específicos para fins comparativos. Dessa forma, os textos de outras autorias possuem fins informativos, para que possam fundamentar a reflexão sobre uma possível proposta de solução para o tema abordado.

A primeira etapa do trabalho consiste no enquadramento teórico, que, através da seleção de pesquisas nos materiais já citados, possibilita-se uma visão histórica contextualizada nos períodos das habitações mínimas em questão especialmente dos dois países analisados, suscitando assim, o entendimento geral do tema.

A segunda etapa se configura num breve estudo de caso, com a utilização de imagens e projetos para facilitar a visualização das proposições expostas. Dessa

forma, esclarecendo a interrelação entre os elementos das casas minimalistas japoneses com moradias de baixa renda.

O uso da comparação entre modelos arquitetônicos permite uma visualização mais perceptível tanto das partes positivas como negativas de um projeto. Sendo assim, é um método muito eficaz para o desenvolvimento de novos modelos-soluções para as questões mais atuais.

3. PROBLEMÁTICA DE HABITAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

O período após as revoluções industriais trouxe diversas consequências decorridas do desenfreado processo de urbanização e crescimento populacional das cidades. Segundo FERREIRA, et al (2019), um dos maiores problemas no Brasil na questão habitacional continua sendo a falta de recursos financeiros, que começou a decair significativamente a partir de 1986. Porém, o objetivo de melhorias nas condições das políticas urbanas não foi ignorado, pelo contrário, diversas ações e programas surgiram no decorrer das décadas para atingir especialmente as competências da Constituição de 1988.

O histórico das políticas urbanas no Brasil sofreu diversas alterações de interesses, responsáveis por modificar a estrutura dos projetos sociais e, excluindo a visão de que questões habitacionais deveriam ser prioritárias para pessoas de classes mais baixas. Passando-se, dessa forma, a atender as famílias de rendas médias. (BALBIM, et al; 2018)

Na década de 60 foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH), cujo objetivo inicial era atender a demanda de habitações especialmente de famílias com rendimento de 1 a 3 salários mínimos (AZEVEDO, 1988). A política do BNH contribuiu significativamente para o assunto em questão. Entretanto, com seu fim em 1986 e com os crescimentos acelerados das cidades, as questões habitacionais mais uma vez foram severamente prejudicadas.

No decorrer das décadas seguintes, vários programas foram criados de forma a atender às necessidades no quesito de habitações, ambos focados na resolução dos conflitos da época. Entretanto, na década de 90 houve uma marcante falta de políticas habitacionais, o que causou comoção pública e a optação de outras alternativas populares para a obtenção de moradia. Essas manifestações ocasionaram, no fim da década, o surgimento de uma nova política de habitação

juntamente com a ascensão de múltiplos programas da área. Dentre os mais atuais desses programas destaca-se o Minha Casa, Minha Vida, que, como exemplo dos demais projetos da época, foi marcado por conflitos de interesses políticos e de mercado, apesar de sua expressiva relevância e amparo para a política habitacional do país.

O Programa Minha Casa, Minha Vida tem como principal objetivo a redução do déficit habitacional ao criar mecanismos de incentivo à produção e à aquisição de novas unidades habitacionais, à requalificação de imóveis urbanos e à produção ou à reforma de habitações rurais para famílias com renda mensal de até dez salários mínimos. Com essa iniciativa, o governo buscou garantir acesso da população de baixa renda à casa própria e influenciar o crescimento econômico com a geração de empregos. Entretanto, para criar o PMCMV, o governo federal necessitou fazer barganhas e articulações políticas que permitiram que o processo tramitasse em regime de urgência e que a lei fosse aprovada com celeridade. Devido às barganhas e às negociações políticas, tanto o Plano Nacional de Desenvolvimento Urbano quanto a Política Nacional de Habitação foram subjugados às negociações do mercado. (FERREIRA, et al; 2019).

Entretanto, apesar de todas essas medidas, o Brasil continua enfrentando consideráveis conflitos na questão habitacional. Sendo as crises e os conflitos políticos e financeiros os principais responsáveis pela imposição desses obstáculos. "O atual cenário das condições habitacionais no Brasil apresenta-se como um ainda não superado problema social e econômico" (BALBIM, et al; 2018).

À vista disso, o país, apesar de crescente preocupação com a questão de moradias acessíveis a toda a população, possui grandes adversidades especialmente no assunto financeiro, tornando suas medidas progressivamente inviáveis. Dessa forma, a preocupação com as técnicas construtivas e habitações econômicas além de imprescindível, acaba se tornando prioridade para a realidade atual.

4. ARQUITETURA MÍNIMA NO BRASIL

No início do período moderno, um tipo de moradia se destacou entre as formas de habitação popular, que passou a ser chamado, entre outros termos, de habitação mínima. "A habitação mínima, habitação popular, habitação operária, habitação

econômica e outras denominações possíveis, são tentativas dos arquitetos de produzir projetos de baixo custo e com qualidade." (CASELLI, 2007). Esses tipos de moradia surgiram especialmente nos países afetados pela Primeira Guerra e suas consequências sociais, como possíveis soluções. Entretanto, a relatividade do padrão mínimo de moradia fez com que as construções dessa época não fossem totalmente satisfatórias.

No Brasil, esse tipo de habitação foi melhor especificado no período do modernismo. De acordo com NEGRELOS (2013), a arquitetura moderna brasileira, por conta do período militar, sofreu diversas alterações, focando mais na racionalização econômica das casas para obter ganhos maiores no mercado. Por conta disso, essas características tomaram conta de grande parte da produção de moradias na época citada e, até mesmo, nas seguintes.



Figura 1: Conjunto residencial da MOOCA, nos anos 50 (BONDUKI, 2014).

Seguindo um modelo muito semelhante, temos também o Conjunto Zezinho Magalhães Prado, em Guarulhos:



Figura 2: Conjunto Zezinho Magalhães Prado, 1968 (MUNIZ, 2016).

Especialmente no período militar, ainda segundo NEGRELOS (2013), o mercado de construção das habitações sociais na América latina era alvo de discursos ideológicos e políticos, que desfocavam a sua atenção principal de atender às necessidades das classes sociais menos favorecidas. No Brasil, esse fator agravou consideravelmente o seu problema habitacional, sem descartar o fato de que os conjuntos habitacionais estavam se tornando cada vez mais de interesse privado, passando a ser encarado como um produto de mercado.

Esses pontos não apenas acabaram por cegar a verdadeira intensão dos modernistas quando esboçaram as primeiras ideias mínimas de habitação, como também impedir que essas suas ideias fossem melhoradas com o passar do tempo, focando a melhoria da qualidade de vida para as classes menos favorecidas.

Atualmente, as moradias destinadas a baixa renda mais comuns possuem cerca de 40-50 m² e são distribuídas em residenciais de casas ou blocos de apartamentos. Os apartamentos mais recentes, porém, possuem uma área reduzida e tendem a ficar cada vez menores.

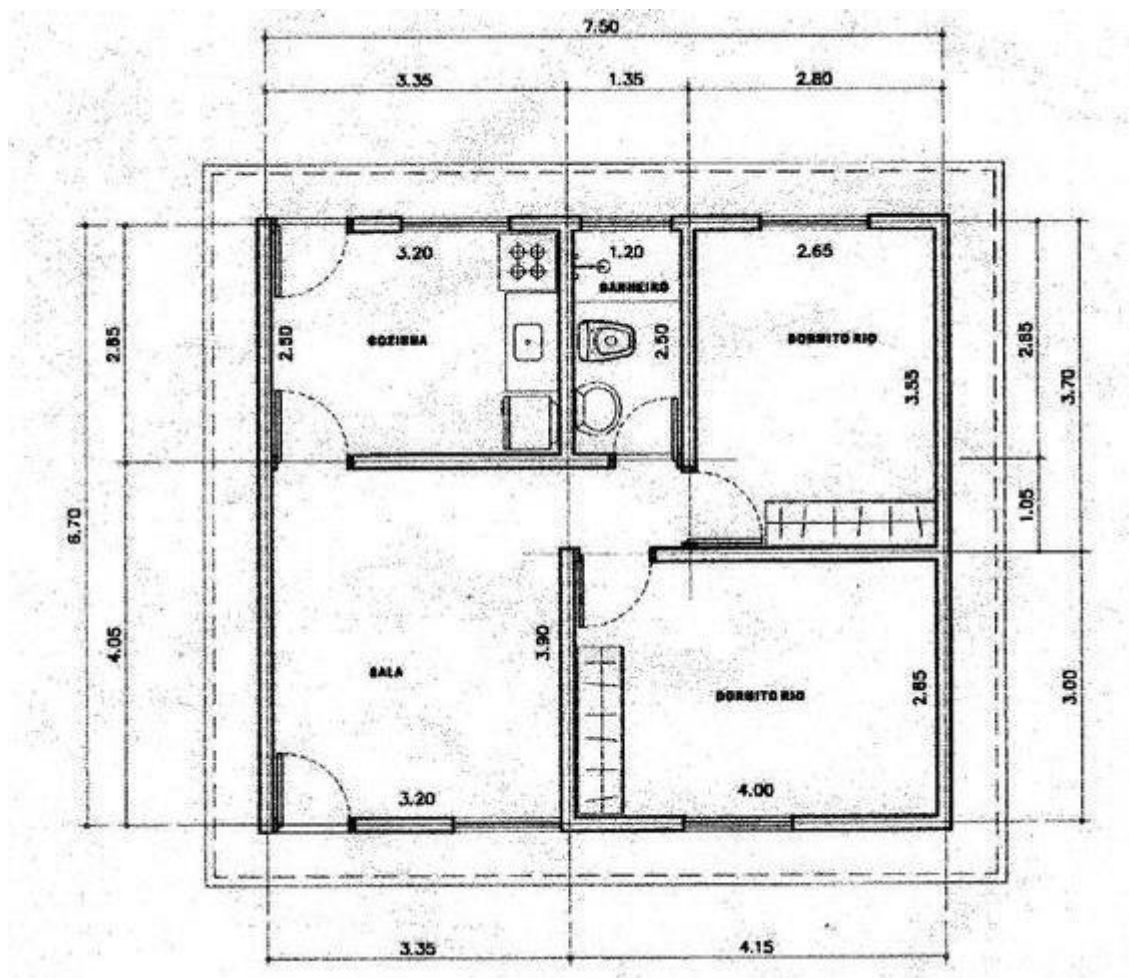


Figura 3: Planta de moradia popular comum no Brasil (KAPPLER, et al; 2019).

Ainda assim, apesar de não ser muito comum, o Brasil possui moradias tão pequenas e muito bem racionalizadas, com modelos minimalistas totalmente funcionais semelhantes aos japoneses. De acordo com uma matéria publicada por ANDRADE (2017), essa tendência pode chegar até os 10 m² em um apartamento projetado na cidade de São Paulo, sendo considerado o menor apartamento do país.

Entretanto, apesar de seu preço baixo de R\$ 99 mil reais, esses modelos não serão destinados às classes mais baixas, não contribuindo, dessa maneira, para o problema de falta de moradia para a população mais carente na grande São Paulo.

Dessa forma, apesar de melhoradas e adaptadas com o passar dos anos, as casas populares brasileiras ainda passam por ser construções de espaços pequenos e racionalizados puramente por questões econômicas, sendo pouco funcional para as famílias que as habitam.

5. PROBLEMÁTICA DE MORADIA NO JAPÃO

De acordo com MARTINS (2013), diversas cidades se expandiram consideravelmente após o desenvolvimento econômico, cultural e tecnológico do século XX. O número dos que viviam nas cidades era de um décimo no início do século apontado, entretanto, em poucas décadas depois, esse número alterou-se para praticamente metade da população vivendo nas cidades.

O Japão começou a sua Era Industrial com indústria têxteis e viu-se necessário a acompanhar a expansão econômica e científica dos países ocidentais, que eram as mais influentes nesse período, procurando investir fervorosamente na área da educação (MARTINS, 2013).

Com o setor da arquitetura mais intelectualizado, os estudantes traziam toda a formação aprendida no ocidente para dentro do país, entretanto, por ser um país enraizado nas tradições, eles utilizavam de todo conhecimento adquirido fora para melhorar as técnicas projetuais e construtivas de forma a manter a linguagem da arquitetura local. Dessa forma, visando diminuir os impactos dos terremotos, cujo material mais importante usado por eles, a madeira, apresentava fragilidade cada vez mais contestável, dentre soluções para outros problemas construtivos do país.

Mais adiante, com a destruição causada pelo fim da II Guerra Mundial, o país também foi tomado por conflitos de interesses no âmbito das políticas urbanas, gerando um crescimento desordenado das cidades japonesas.

Após a guerra a guerra o Japão abraçou ainda mais a filosofia da arquitetura contemporânea ocidental que dava prioridade ao racionalismo e ao funcionalismo. Embora o desejo de modernismo fosse grande havia quem o criticasse dizendo que representava o fim da singular estética Japonesa. Mas muitos foram os arquitetos como o conhecido arquiteto metabolista Kenzo Tange que conseguiu através da sua arquitetura fazer a fusão do estilo moderno com elementos da arquitetura tradicional japonesa (MARTINS, 2013).

Dessa forma, o Japão, apesar de ser um país cheio de desafios geográficos e espaciais, é uma das nações mais desenvolvidas do mundo, especialmente no campo tecnológico. As dificuldades enfrentadas pelas limitações e catástrofes naturais apenas contribuem significativamente para o progresso científico e cultural do país asiático. A arquitetura é apenas uma pequena área das quais essa incrível capacidade de habitação japonesa é refletida, tornando-se referência no mundo todo. Um desses

reflexos é o movimento Metabolista do período moderno, que possuem enfoque de nível mundial.

Como consequência destas necessidades surge o movimento Metabolista que coloca a arquitetura Japonesa no centro das atenções a nível mundial. Desenvolvem uma arquitetura futurista e utópica que força o mundo arquitetônico a repensar as necessidades humanas, o que é importante preservar e manter nas cidades. O crescente desenvolvimento urbano das cidades é focado e são propostas soluções que viriam a influenciar enormemente não só a arquitetura japonesa como a arquitetura a nível mundial (MARTINS, 2013).

A partir do desenvolvimento desse novo estilo de pensamento adotado pelos países asiáticos, começaram a se tornar visíveis os traços da arquitetura minimalista japonesa da qual se tem conhecimento pela atualidade.

6. ARQUITETURA MINIMALISTA JAPONESA

Segundo MARTINS (2013), no início do século XX, a capital japonesa contava com cerca de duzentos e cinquenta mil habitantes, sendo hoje uma das cidades mais populosas do mundo. Entretanto, após a II Guerra Mundial, o país foi severamente destruído e o governo não estava dando conta do desenvolvimento do país, o que fez com que houvesse grande alteração na parte das políticas habitacionais do país. Parte dessa mudança se tratava de alterar o uso agrícola dos terrenos ocupados pelos aliados americanos para serem de uso industrial e residencial. Essa mudança fez-se necessária por conta do acelerado crescimento urbano nesse período (MARTINS, 2013).

A deficiência política urbana gerou um crescimento desordenado das cidades que se tornou um problema difícil de ser resolvido. Dessa forma, o Japão abraçou o modernismo arquitetônico do ocidente, prezando pelo racionalismo e funcionalismo, gerando várias críticas dentro do país onde se acreditava que a implantação das técnicas ocidentais pudesse acabar com a essência da estética japonesa (MARTINS, 2013).

Todavia, tudo isso possibilitou uma mudança de pensamento entre os japoneses, que passaram a buscar por uma maior compreensão do comportamento das cidades acerca de todas as mudanças pelas quais elas naturalmente viriam a passar. Dessa forma, abriu-se espaço para uma arquitetura mais aberta e sem muitas

limitações criativas, uma nova linguagem a respeito do meio urbano e ainda sem perder o âmago da arquitetura tradicional do país.

A residência construída pelo grupo MIZUSHI é um exemplo muito explicativo dessa nova concepção adotada pelos japoneses que perdura nas casas da atualidade. Ela foi construída em um terreno extremamente estreito e pequeno, criando no espaço improvável uma residência totalmente prática e funcional. Os demais modelos apresentados seguem esse mesmo conceito.

Um dos modelos mais populares encontrados é uma casa em Horinouchi, Japão, de 55 m²:



Figura 4: Casa em Horinouchi, por MIZUSHI (FREARSON, 2011).

Abaixo, apresenta-se a planta baixa da casa:

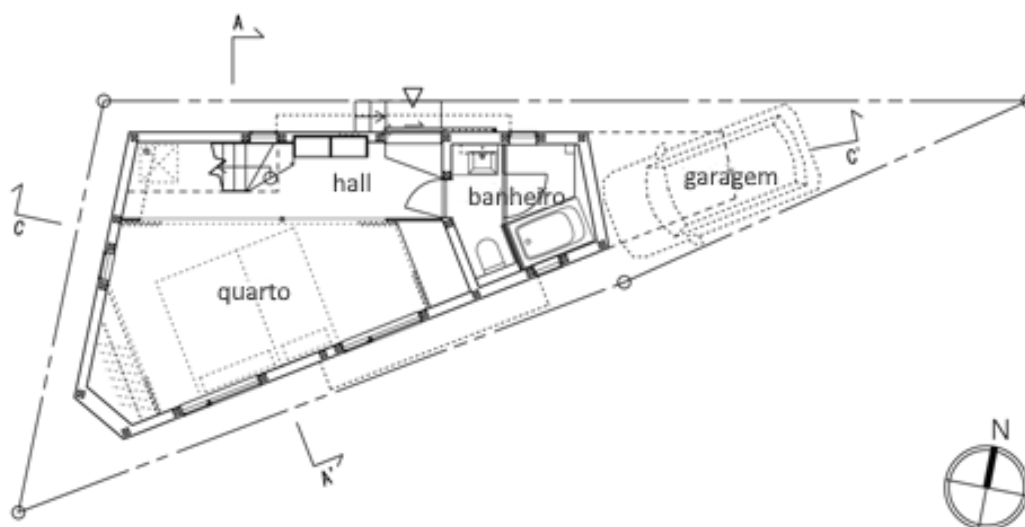


Figura 5: Planta baixa do pavimento térreo (FREARSON, 2011. Adaptado de: NASCIMENTO, 2020).

A seguir, os pavimentos superiores, sendo o desenho superior o primeiro pavimento e o inferior direito o segundo pavimento:

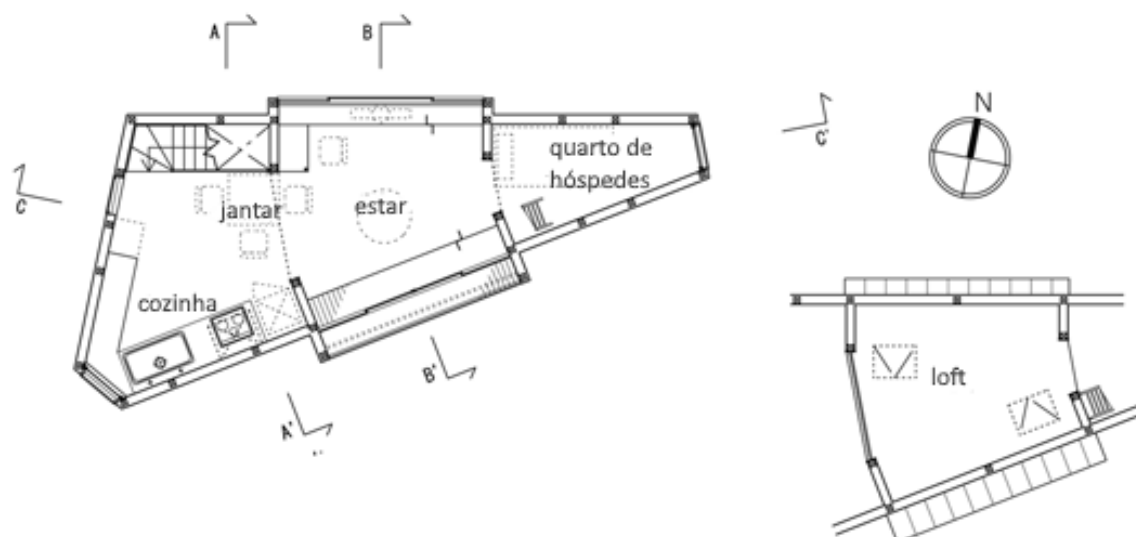


Figura 6: Planta baixa do primeiro pavimento e loft (FREARSON, 2011. Adaptado de: NASCIMENTO, 2020).

O interior da residência possui um excelente aproveitamento de espaço, como é possível analisar na imagem abaixo, onde é mostrada a sala de estar:



Figura 7: Interior da residência (FREARSON, 2011).

Ainda como exemplo o mesmo escritório, temos a casa OH, feita num terreno irregular e pequeno e que, porém, encontrou-se uma solução para o aproveitamento solar e os espaços reduzidos:



Figura 8: Residência OH, por Tekuto (SINGHAL, 2012).

Abaixo, apresenta-se o interior da residência com um amplo espaço, apesar das limitações do terreno:



Figura 9: Interior da residência OH (SINGHAL, 2012).

7. MORADIA DE BAIXA RENDA MINIMALISTA JAPONESA

Como já explicado, o problema de moradia no Japão trouxe como consequências as inusitadas alternativas de moradia que se adaptam e se reduzem ainda mais com o passar dos anos. Ainda que haja outras propostas de soluções, a moradia mínima tende a continuar sendo a mais usual. As moradias públicas japonesas são divididas por tipo de uso e costumam também ser usadas pelos estrangeiros que procuram por um aluguel mais barato. De acordo com uma publicação da revista online nipo-brasileira ALTERNATIVA (2017), as principais moradias sociais que se encontram em Tóquio são:

- **Koei jutaku:** destinadas a famílias em condições especiais, tais como mães ou pais solteiros, divorciados, viúvos. Mas também podem abrigar idosos e deficientes. A principal avaliação é feita principalmente por base na renda das famílias, tendo preferência as mais carentes;
- **Toketei yuruo chintai jutaku:** moradias que possuem descontos no aluguel por meio de programas governamentais destinadas às famílias de renda média.

- **UR chintai jutaku:** residências que são disponibilizadas também à família de rendas médias pelo sistema metropolitano *Urban Renaissance Agency* (URA).

Ambas essas moradias precisam apresentar o pagamento de garantia de três meses de aluguel e, para os dois primeiros tipos, são necessários a apresentação de um fiador.



Figura 10: Prédio de apartamentos do tipo Koei jutaku em Tóquio. (BRASOR; TSUBUKU, 2015).

Os imóveis são feitos, em geral, em blocos com estruturas de madeira ou concreto com apartamentos de espaços reduzidos. Alguns deles possuem realmente os equipamentos mínimos para a sobrevivência e possuem mobilidade interna muito reduzida ou, em alguns casos, problemática.

Entretanto, essa não é apenas a condição de moradias de baixa renda, visto que, na capital, os espaços são extremamente valorizados, dessa forma, as moradias mais comuns encontradas possuem esses espaços mínimos.

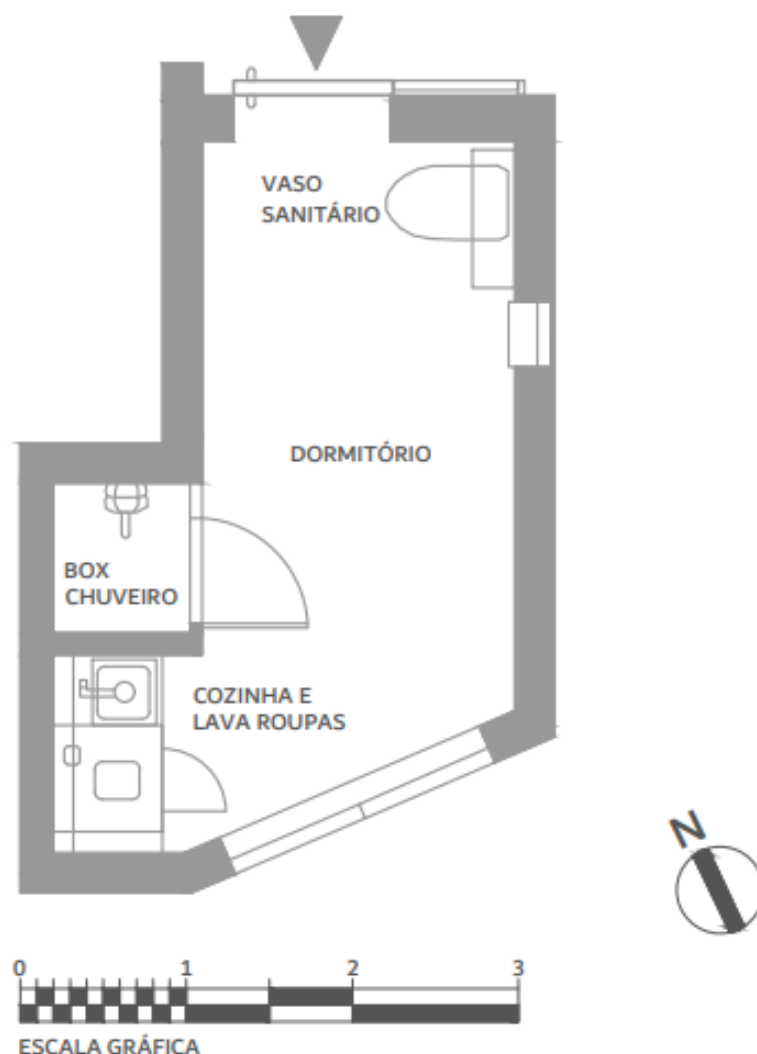


Figura 11: Planta baixa de um apartamento de 9,22m² em Tóquio. Modelo comum de moradia na capital (BELLUCCI, 2017. Adaptado por NASCIMENTO, 2020).

Diferentemente das moradias abordadas no tópico anterior, essas residências populares não são planejadas considerando o conforto ambiental e a funcionalidade e sim apenas a economia de espaço e lucro imobiliário. Além disso, elas costumam ser extremamente desconfortáveis, com funcionalidade reduzida, visto que as atividades a serem desempenhadas por uma casa atualmente são dificultadas ou impossibilitadas dentro desses espaços. Elas funcionam como uma casa dormitório, apesar de, na maioria dos casos, serem usadas por famílias que não as usem apenas para essa finalidade.

Logo, apesar da excelente racionalização dos espaços usada pelos japoneses desde muito tempo, as moradias de baixa renda, assim como no Brasil, continuam sendo precárias para atender às famílias necessitadas.

Entretanto, as suas técnicas construtivas e soluções são totalmente aplicáveis, além de vantajosas, e, ainda por se tratarem de sistemas bem atuais, podem ser implantadas de forma efetiva quando seu partido seja voltado para a qualidade de vida das pessoas em detrimento do mercado imobiliário.

8. MORADIAS MÍNIMAS JAPONESAS APLICADA AO CONTEXTO BRASILEIRO

De acordo com GOUVÊA (2008), a partir da superprodução de café com sua consequente desvalorização e a instabilidade dos demais imigrantes no país até então, buscava-se com os japoneses uma solução para aquela complicada situação econômica. Ao mesmo tempo em que no Japão, em meados do século XIX, continha uma sociedade rural problemática:

Assim, a sociedade rural no Japão, constituía-se de um pequeno grupo de proprietários abastados, concentrando o poder econômico, social e político e, uma grande massa sem terras, sem segurança econômica, sem *status* social e político, e acima de tudo, sem esperança. Para os segregados, restava apenas a opção da migração [...] (GOUVÊA, 2008).

Entretanto, apesar das imigrações ocidentais dos japoneses, eles mantinham-se enraizados em seus costumes e tradições, levando alguns países do ocidente considera-los como perigo (GOUVÊA, 2008). Dessa forma, mesmo contrariados, os japoneses se mostravam fervorosos no culto à sua cultura, transmitindo essa forte raiz em todos os seus movimentos artísticos e sociais, inclusive na arquitetura.

Todo esse processo migratório e o consequente processo reverso de imigração brasileira no Japão mais adiante desse contexto, trouxeram uma proximidade entre as duas culturas, sabendo que, sem dúvidas, o povo japonês tem parte na construção da sociedade brasileira.

Contudo, o cenário político urbano brasileiro ainda está longe de ser satisfatório, pelo contrário, as constantes buscas por interesses privados desaceleram o desenvolvimento dessa área voltado para o propósito de garantir moradia de qualidade acessível a todos os cidadãos. Sendo assim, os movimentos urbanos sociais com estratégias alternativas vêm tomando conta das cidades fazendo com que os próprios moradores possam garantir suas moradias.

Nesse contexto, a busca por modelos simples e eficazes que atendam os moradores sem causar impactos negativos no meio urbano é muito valorizada. É nesse campo que se encaixam plenamente os modelos minimalistas aprimorados pelos japoneses.

Atrelado ao fato da aceitação cultural japonesa pelo povo brasileiro, o incentivo ao das técnicas e da aplicação dos materiais locais desse tipo de arquitetura influencia positivamente na construção do Brasil, visto que é um país com extrema diversidade de materiais, apesar de poucos serem realmente utilizados. Além disso, a versatilidade e facilidade de empregar as técnicas racionalistas japonesas unidas à funcionalidade dos projetos e ao consequente baixo custo, são estratégias eficazes para impulsionar o desenvolvimento dessa área.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva, acerca das as informações apresentadas, é visível a atualidade e aplicabilidade dos métodos construtivos minimalistas japoneses nas residências de baixa renda. Visto que o Brasil apresenta um histórico de alta aceitação às características culturais do povo japonês, é simples e vantajoso que se incorpore os sistemas de projeto e construção do Japão nos seus modelos arquitetônicos.

Quando usados para as moradias de baixa renda, ainda, esses modelos minimalistas japoneses ajudam a diminuir os custos da obra, consequentemente facilitando a aquisição de moradias ou a construção das mesmas para o público desfavorecido, desde que se conciliem os interesses políticos e econômicos com os sociais, atentando-se a não perder a funcionalidade dos ambientes ao reduzir significativamente seus espaços.

Além disso, quando usado de forma adequada, ou seja, equilibrando esses interesses imobiliários com os das famílias necessitadas envolvidas nos programas, possibilita a efetividade dos modelos residenciais de forma gratificante sem romper com os parâmetros projetuais adotados atualmente, ou seja, não sendo contrário às leis dos códigos de obras municipais e zoneamento, apenas reconfigurando os padrões dos espaços mínimos construtivos de forma a manter a complexidade dos estudos dessas leis e também complementá-los, facilitando a construção de moradias de baixo custo com espaços mínimos suficientes para atender às necessidades humanas de moradia e melhorar a qualidade de vida nas cidades brasileiras.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. **São Paulo terá apartamento de 10m², menos que uma van, por R\$ 99 mil.** Uol. 2017. Disponível em: [AZEVEDO, S. **Vinte e dois anos de política de habitação popular \(1964-1986\):** criação, trajetória e extinção do BNH. Revista de Administração Pública, n. 4, out-dez. 1988.](https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/08/16/imoveis-vitacon-apartamento-10-metros-quadrados.htm#:~:text=Um%20pr%C3%A9dio%20com%20apartamentos%20de,pro nto%20em%20setembro%20de%202019.&text=A%20empresa%20afirma%20que% 20este%20ser%C3%A1%20o%20menor%20apartamento%20da%20Am%C3%A9ric a%20Latina. Acesso em: 20/01/2019.</p></div><div data-bbox=)

BALBIM, R. et al. **Nova agenda urbana e o Brasil:** insumos para sua construção e desafios a sua implementação. 2018. Ipea. Brasília: 2018. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33345. Acesso em: 11/08/2020.

BELLUCCI, T. **This tiny Tokyo apartment has a very unusual entryway.** Apartment therapy. 2017. Disponível em: <https://www.apartmenttherapy.com/this-tiny-tokyo-apartment-has-a-toilet-right-at-the-front-door-244182>. Acesso em: 03/11/2020.

BONDUKI, N. **Conjunto residencial da Mooca.** Cadernos de habitação coletiva. Disponível em: <https://chc.fau.usp.br/mooca.html>. 2014. Acesso em: 02/11/2020.

BRASOR, P; TSUBUKU, M. **Japan's public housing system has a shelf life.** The Japan times. 2015. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/community/2015/04/04/how-tos/japans-public-housing-system-shelf-life/#.VSBjz7pJ8rY>. Acesso em: 02/11/2020.

CASELLI, C. K. **100 anos de habitação mínima:** ênfase na Europa e Japão. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo. 2007. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2621/1/Cristina%20Kanya%20Caselli1.pdf>. Acesso em: 12/08/2020.

COLARES, C. S. **Less is more: o nascimento da moda minimalista em um percurso entre fortuný e dior.** Universidade Federal do Ceará. Ceará. 2016. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/edicoes/12-Coloquio-de>

Moda_2016/POSTER/PO-03-Cultura/PO-03-Less-is-More.pdf. Acesso em: 04/12/2019.

FERREIRA, G. G. et al. **Política habitacional no Brasil: uma análise das coalizões de defesa do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social versus o Programa Minha Casa, Minha Vida.** urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 11, e20180012, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.001.AO04>. Acesso em: 11/08/2020.

FREARSON, A. **House in Horinouchi by Kota Mizuishi.** Dezeen. 2011. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2011/10/31/house-in-horinouchi-by-kota-mizuishi/>. Acesso em: 02/11/2020.

GOUVÊA, I. **O Kitsch saudosista japonês na arquitetura brasileira.** 2 ed. Marília: UNIMAR, 2008.

KAPPLER, G, et al. **Uso de resíduos de celulose na melhoria da eficiência energética de edificações residenciais.** 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Planta-baixa-de-residencia-unifamiliar-Minha-Casa-Minha-Vida-Fonte-Planos_fig1_321052223. Acesso em: 03/11/2020.

MARTINS, K. **Micro arquitetura no Japão: compressão espacial e funcional.** Universidades Lusíada: Lisboa. 2013. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/359/1/mia_kelly_martins_dissertacao.pdf. Acesso em: 21/09/2020

MUNIZ, C. **Projetado por Artigas, parque Cecap é marco modernista na Grande SP.** Folha de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2016/11/1835840-projetado-por-artigas-parque-cecap-e-marco-modernista-na-grande-sp.shtml>. Acesso em: 02/11/2020.

NEGRELOS, E. P. **A moderna habitação econômica como questão de Estado na produção capitalista da cidade: fases de expansão e redução dos componentes modernos da cidade e da habitação no Brasil - Estado de São Paulo - no período de 1930-1968.** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo FAPESP. São Paulo. 2013. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b771/4ce285551a867d5e0d2bbd28a11bd5fc1d56.pdf>. Acesso em: 24/08/2020.

OHPHATA, T. **Moradias públicas no Japão: como alugar?** Alternativa. [online]. 2017. Disponível em: <https://www.alternativa.co.jp/Servico/View/67564/Moradias-publicas-no-Japao-como-alugar>. Acesso em: 19/09/2020.

SINGHAL, S. **OH House by Alelier Tekuto**. AECCafé. 2012. Disponível em: <https://www10.aeccafe.com/blogs/arch-showcase/2012/01/29/oh-house-by-atelier-tekuto/>. Acesso em: 02/11/2020.